



Emancipado Dédalos*

Paulo Rosenbaum**

São Paulo, Brasil

rosenbau@usp.br

Passos arrastados sobre a madeira. No calçado, sinais de desgaste irregular da borracha negra marcavam o chão de fuligem. A busca – estava claro agora – não oferecia garantias. Sua cegueira já se instalara, mas ainda não era eclipse. Ainda assim, o sequestro da luz estava quase lá. Cores e negrume se igualavam em escalas tonais. Os clarões escasseavam. A escuridão se instalou nas marés sem lua.

— Que esforço! Enorme, descomunal.

Mas ele estava ali: Londres, 26 de maio de 1969.

— Odisseia.

Avaliara, depois dos conflitos e das acusações que deram o tom quase trágico ao embarque apressado.

A dificuldade não tinha nada a ver com o clima insular que, para perplexidade de seus compatriotas, sempre o agradou. O que poderia ser mais eloquente do que um chá em frente a casa de Swedenborg, mais agradável que o passeio até a velha livraria da Berkeley Square ou a grama fresca curta, cerrada, na pequena parada nos subúrbios onde um velho amigo sempre estava disposto ao rum carregado de especiarias?

A verdade é que a ilha o tirava completamente do peso da formalidade acadêmica que sentia nos países hispânicos. Na terra dos *britons*, estava absolvido de todas as acusações. Ao menos lá, a pena estava suspensa. Além disso, Londres era o lugar perfeito para buscar alternativas à falta de inspiração que um tempo longo na Capital Federal infligia na mente de um velho cosmopolita.

Mas aquela tarde, aquela foi a mais incomparável dentre todas.

* Uma versão deste conto foi publicada, originalmente, na coletânea *Histórias históricas* (São Paulo: Editora Illuminare, 2018), organizada por Carlos Asa e Tito Prates.

** Médico e Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, poeta e romancista.



Seu velho quarto, o 411, num hotel pouco luxuoso na *Regent's Street* era apenas confortável, e afinal, seu lugar cativo. Há mais de vinte anos, na mesma época, na mesma rua, no mesmo hotel e à exceção de 1959, o mesmo quarto. Um pequeno cubículo de quatro metros quadrados com uma cama isolada pelo feltro cinza – um tecido desgastado e já desgarrado do palco. A pequena mesa colocada perto da janela com venezianas decadentes proviam a pouca luz do quarto. Os abajures ingleses e as maçanetas de louça alemã com detalhes pintados não eram de muito bom gosto, mas o hotel fazia tudo pela tradição. Os corredores finos e longos em meio ao cheiro de mobiliário centenário faziam o aspecto pior do que realmente era. O tapete vermelho ajudava a realçar o barulho na noite. Tudo estalava – era a madeira que se espreguiçava as noites – e os hóspedes viviam com a sensação que habitantes sem corpo vagavam por ali, soltos. O escritor reconhecia cada detalhe com a bengala e os dedos e determinava cores com a arbitrariedade de quem não enxerga.

Enquanto Borges dormia, logo depois do *brunch*, um bilhete farfalhou à porta. A cegueira – como tinha aprendido com Aldous Huxley – era um dos castigos mais violentos já tramados, mas que, no entanto, proporcionava vicariâncias vantajosas, às vezes, emocionantes. Ele pensou que viria do quarto do lado, com sua perene companhia.

O olfato lhe permitia distinguir entre tipos diferentes de cúrcuma longa, superando *chefs* hindus. A habilidade, aliás, tinha lhe rendido refeições grátis na única e última visita à Goa. Seu tato, uma espécie de *scanner* de alta resolução que as mulheres apreciavam. Em termos fisiológicos, dizia-se que um sentido privado aguçava os demais.

E, finalmente, sua audição, essa sim motivo de orgulho. Num aprimoramento permanente e involuntário, foi ficando capaz de decifrar caracteres idiossincráticos em simples fonemas curtos, meros suspiros ou mudanças minimalistas em ritmos respiratórios. Para um cego, o radar era conveniente, sobretudo útil: dosar o ritmo das conferências, encurtar ou estender uma aula, fazer calar um jornalista impertinente.

– Mr. Borges? Como a cegueira influenciou sua literatura?

– Quer que explique? – Espalma as mãos, desistindo e mostrando ignorância antes de continuar – Não sei! Posso falar do que imagino!

O jornalista riu, insípido.

A sala de imprensa era tímida e o número de jornalistas era mais ainda considerando sua já consolidada projeção mundial. Mas a literatura sempre esteve a reboque de outras atividades e sem nenhuma julgamento moral, por mais tentador que seja, jogos de rúgbi podem mesmo ser mais interessantes.



— A cegueira nos tira quase tudo – suspirando com força, prosseguiu Borges – mas nos confere a vidência e a violência. A violência da vidência.

— Vidência? Qual vidência? Alguma previsão? O outro jornalista poderia ser irônico se desejasse, mas agora estava só curioso.

— Antes de abrir os dicionários, crio significados para as palavras que desconheço. Isso permite, de antemão, distorcer a ficção. Sem medo. Faço isso sem medo. A invenção em linguagem é agradável, é o único prazer em escrever. Além disso, sonho muito. Nesse sentido, por graça ou desgraça, sou, quer dizer, tenho a pretensão de ser, mais livre que a média dos escritores.

O escritor faz discreto aceno para sua companhia que, discreta, instalou-se no fundo da sala. L. limita-se a ajeitar-se melhor na cadeira.

A diferença naquele dia foi o bilhete – um papel com textura e aroma diferentes de tudo – resgatado da entrada da porta assim que foi plantado lá.

Borges era sempre lembrado do pior da condição da cegueira. Era a incapacidade permanente de acesso imediato ao mundo das letras. Era dolorosa a dependência sem fim de leituras alheias. Só compensada pela gentileza e compaixão constrangida que a amaurose desperta nos arredores. Isso, fora o excesso de sonhos em vigília que ela induzia.

L. ajeitara-lhe a gravata, mas uma dor de cabeça a fizera retornar aos aposentos. Ela murmura algo como uma benção. Ele faz um ar interrogativo e empina o queixo distribuindo a convicção: um dos últimos filósofos da literatura, um quase teólogo não canônico, isolado dos amigos e mal interpretado pela família.

Ao descer sozinho do perigoso elevador com porta pantográfica – percutindo o trajeto com a bengala de cabeça de águia entalhada no marfim poroso – encontra o porteiro.

— Bom dia, Mr. Borges.

Este já sabia o que o hóspede desejava com sua mão estendida.

— Leio? Mr. Borges?

— Por favor, Hermes – arriscou o escritor – estendendo o papel brilhante.

— Diz – enuncia Hermes – que sempre balançava o que ia ler: “Sabemos de seu interesse nos manuscritos. Esses se referem aos medos. Estamos convidando-o a vir hoje às 1:30 *p.m.* 33, Embrigton Road, Kenton, Midllesex para conhecer resíduos de uma biblioteca. Venha, mas atenção: entre pelo acesso lateral do sobrado. Lá há uma placa escrita “Morelli Print’s – Ivan Lesmor... [Hermes gagueja em nomes russos] Les... Lesmorlieff”. Quando chegar não bata, aguarde em frente a porta, Seu.”



Silêncio inconcluso... Borges expande suas orelhas para ouvir mais.

— É somente isso, senhor.

— *Nada mas?*

Borges espera o desfecho ou a resposta levantando a mão com a palma virada para cima

— Quem assina?

— Ninguém. É somente isso, Mr. Jorge. Somente isso, senhor! Hermes sacode de novo o bilhete para certificar-se.

Borges nem chega a recuperar o papel. Com a destreza de um vidente, sobe imediatamente ao quarto ele se veste antes de descer.

Bate à porta de L. antes de entrar sem esperar a resposta. Só dela esperava essa intimidade.

— E quem pode ter lhe mandado? Pergunta L.

— Alguém que sabia do meu interesse pelos medos?

— Um livreiro?

— Não, não ousaram. O editor... pregando uma peça?

— Pouco provável, respondeu L. com ar peremptório.

— E se for mais uma pequena vingança do grupo daquele grupo que odiava o Casares?

— Não, querido. L. acaricia seu rosto pálido.

— O partido?

— Esse sim. Desforra do partido, bem possível, o mais plausível.

Depois da contagem paranoica, desiste. Suspende as fabulações. De algum modo, pensa ter matado a charada com a sucessão de hipóteses.

Sacode a cabeça soletrando uma numeração qualquer. Resigna-se sem entender o que aquilo significava. Quando informaram sobre sua eminente visita àquela “biblioteca de resíduos”, sua ambição foi imediatamente abalada. Quando a informação chegou sem detalhes, a voracidade lapidou-lhe os dentes. A bibliofilia costuma ser bibliofágica.

Despede-se de L. e volta para o seu quarto, bem ao lado. Ocorre-lhe então que estava ali para fazer uma palestra, agendada há mais de ano: “Robert Browning: a tradução na hermenêutica”.



Já tinha tudo organizado, mentalmente. Apenas delinear a primeira linha do poema: *In these red labyrinths of London...*

— Amanhã, termino amanhã. Consola-se, Borges sempre teve fascínio pelos labirintos. E, claro, a admiração se estendia a Dédalos, o arquiteto. Seu conhecido fraco por dicionários tornara-se obsessiva. Chegava a atrapalhar: prosódicos, etimológicos, de antônimos, populares, analógicos e filosóficos. Era mais que comum perder-se em digressões que o transformavam num diletante pouco objetivo. Uma palavra levava a outra e era comum a ideia central ser engolida pelo excesso de chaves abertas. Se sentia um amador. Imperdoável, mas aquilo realmente o transtornava. Assim explicado, não era nada contingencial seu amor pelos labirintos.

— Objetividade, objetividade! Objetivos, vamos ser objetivos – pensava, enquanto esmagava as pálpebras durante a infrutífera auto-admoestação.

— Só umas poucas horas.

Pensa então em começar, de memória, a palestra da noite mencionando a fusão de horizontes. Põe-se a construir as frases, corta, emenda, mutila: “É para que o tradutor/leitor ou intérprete tente penetrar no texto com mais intensidade que o próprio autor, emulando idas e vindas. Só com esse vasculhamento, a linguagem retomará sua vocação de diálogo entre intérprete e autor, perdendo em literalidade e ganhando em literatura”... Consola-se, recapitulando o texto.

— Quanto desperdício!

Levanta-se tateando, até encontrar sua preferida xícara de chá de estimacão que sua mãe havia deixado no quarto com o chá de hibisco já preparado.

Aí enquanto tateava aquilo que parecia ser a cadeira onde iria se sentar tomou o susto.

O absurdo, mais uma vez.

— Não posso crer...

Nota que enxerga. Borges está enxergando. Completa e absolutamente!

Ofegante, retoma a xícara que escorregava das mãos e aproxima-o do rosto, enquanto a perplexidade se confirmava. Já ouvira falar de milagres. Escrevera sobre eles, pensou, inspirado num volume homônimo de Eça de Queiroz, em publicar um dicionário sobre o assunto. Havia acompanhado de perto leituras bíblicas, ali onde os milagres jorravam com generosidade, numa profusão fácil, quase plausível.

— Mas eu? Por que? Eu? Fui agraciado?



Pensou em avisar L., nunca ficou sem ela, nunca saiu sem sua companhia, jamais ousou sair sem avisá-la, mas, desta vez, achou melhor esperar.

Borges evitou entrar no mérito da justiça tê-lo escolhido entre tantos outros homens.

Mas o fato, teimoso, estava ali: sua visão ressurgiu, do nada!

Como um suicida cercado pela prudência dos desastrados, escancarou as venezianas das janelas de seu apartamento. Dali havia uma vista de Londres. Sofrível, mas uma vista!

— *No lo puedo creer*. Repetiu não uma ou dez, mas centenas de vezes.

Em surto de pressa abre a porta com violência. Sem se preocupar com mais nada além de alcançar a rua, passa pela recepção com a sede dos que jamais beberam. Hermes – que lustrava o móvel da recepção – abandona o posto com a flanela pendente à mão, seguindo o cego até a porta; como um autômato anda com o lábio inferior hipotônico, está boquiaberto.

Borges ultrapassa a porta de vidro e, ao alcançar a rua, busca qualquer coisa para ler. Depara com o fuliginoso anúncio colado no poste de ferro escuro: Exposição de arte etrusca no Victoria & Albert Museum.

Aquilo, e só aquilo lhe confirma o que já sabia, a recuperação completa da visão.

Borges chora sem perceber que em minutos já se acostumara com enxergar. Portanto, a percepção do milagre é uma estranha efeméride. Tudo, até os mais absurdos eventos tendem a se naturalizar antes que se pronuncia a palavra “Leonor”.

Dezessete anos sem notícias de registros visuais plenos, e agora suas lágrimas caminham entre os canais.

Embaralha mentalmente as cartas, cogita se pode haver relação causa-efeito entre a carta e o milagre.

Borges sempre se locomovera bem em Londres. Estranho de verdade foi conseguir alcançar, sem qualquer ajuda, as escadas e depois para chegar ao local indicado. Sua visão restabelecida, uma metáfora acesa, expelida diretamente de um de seus escritos.

A linha vermelha o conduz ao subúrbio. Desce e consulta um relógio público.

2:27 *p.m.*

Entra pela porta lateral do sobrado, avista a placa amarela

MORELLI PRINTS.



(IVAN LEMORLIEFF).

Borges afasta as heras secas que se enroscam no paletó até chegar à porta. Vai bater, mas ela se abre antes, limpa, sem rangidos, como se alguém vigiasse a entrada.

O editor inglês está lá, cara retraída, as mangas da camisa dobradas e a pele tensa, emocionada.

— O que significa tudo isso, Titus? Você já sabe o que aconteceu comigo? O escritor nem se preocupa com as formalidades dos cumprimentos, vai direto ao assunto.

— Não sei bem, afirma Titus Olzen – a palidez, a sudorese fria acima dos lábios afirmavam um tipo doente – Sabia que você não acreditaria – Não era comum tanta solenidade em Titus.

Olzen, seu editor inglês, um dos mais conceituados na Inglaterra. Sua fama não veio antes do escárnio generalizado da seca crítica britânica: publicou neófitos e ousou apostar em velhos desconhecidos.

Titus tinha o costume de jamais desprezar originais e, antes de descartar um papel, relia-o por duas ou três vezes. Não era somente pelo medo de ser injusto, apenas levava a ferro e fogo o papel, triagista de vocações.

— Nem acredito... rebate rouco, Borges.

— Preste atenção no que vou narrar Luis. Titus, sem ainda reparar que o amigo parecia enxergar, roda os papiros com a agilidade de ex-revisor, espalhando os manuscritos numa mesa redonda, mal iluminada. Vai começar a explicar para o deficiente visual como sempre fazia em sua saga de tradutor das coisas. Aponta para a folha com uma lanterna que parece falhar intermitentemente. Como não há luz, sacode o apetrecho. Depois abre a coisa e roda as baterias.

A luz volta.

— De que se trata? Pergunta Borges, flutuando num desejo sem foco.

— Manuscritos. Estavam no Sion College. Olzen vibra sem entender bem por que. — Possivelmente retirados antes do incêndio de 1666.

Borges silencia avançando sobre in-fólios e outras edições chamuscadas que pousavam ao lado da mesa.

— Não... esqueça os livros.

Os papiros desenrolados pela mesa estavam queimados nas extremidades. São verdes. Estão amarelados e emanam um cheiro adocicado, difícil classificar. O escritor inspira fundo e começa a sessão de paleografia. Traduz com avidez



usando o dedo como régua: “... e, nestes dias, quando soubemos que desapareceríamos, queremos dizer aos que vem que enxergarão como nunca ao traduzir este testamento...”. Impossível continuar...

— Pule, pule esse trecho. Ilegível demais, repara Titus, afastando os dedos de Borges, fingindo não enxergar o milagre.

Borges repara que Titus ainda não se deu conta do milagre ou permanece voluntariamente alheio ao fenômeno. Passa a murmurar insolências antes de prosseguir: “... legamos então esta carta aos milagres que emanam deste papel recolhido feito de maná. O orvalho sagrado caía para os israelitas acampados. Tinha poderes extraordinários. Recuperava sentidos perdidos, regenerava tecidos ofendidos, restaurava pensamentos obscurecidos pelo tempo...”. Depois, examina um pequeno desenho: parece um labirinto.

Borges levanta as longas sobrancelhas da cegueira em direção à Olzen compreendendo alguma ação milagrosa, mediada pela vil matéria.

— E como? Me diga, como o maná foi parar lá?

— Um dos itens guardados na arca, que como todos sabem desapareceu desde a pilhagem seguida de destruição pelos romanos do Segundo Templo em Jerusalém!

— E como foi parar na mão dos medos? Eles o transformaram em papel? — Sem dúvida engenhoso... — Bataca o dedo no osso da mandíbula, enquanto segura o queixo.

Imediatamente Borges migra à infância.

Está com nove anos. Brinca nas ruas do velho bairro do Once, em Buenos Aires. Seu peão encalha na areia perto da entrada de um beco. Na construção antiga, examina intrigado uma inscrição incrustada numa velha porta entalhada. Borges penetra cauteloso no átrio e vislumbra uma mesa com uma tolha cujas franjas brancas ondulam com o vento. Mosaicos não uniformes estão ali dispostos. Ninguém por perto. Em cima, um bule com vapor recente e uma xicara com rachaduras adornada com um desenho. Lá está pintado um labirinto. O mesmo labirinto.

Uma sombra chega por trás para sustar qualquer contemplação.

— Menino?

Jorge se vira à senhora. Uma idosa de olhos quase fechados que exala canfora.

— Sabe quem eram os medos?

Balança a cabeça em negação, os olhos estão no chão.



Com idade avançada, ela apresenta uma pele de tensão bem mais jovem. Depois, o silêncio interrogativo. Passa a cochichar, usando ondas de sussurros irritantes.

— Sabe a história?

O menino cala. Ela responde sem ser solicitada.

— Viste? Um labirinto foi colocado nesta xícara?

O garoto move os ombros sem conseguir mexer a língua.

— Para provar.

Borges usa as mãos para pedir continuação.

— Ninguém está seguro. Diz, cutucando a porcelana com a unha comprida e escurecida. A ameaça é vaga e o menino está com medo.

— Grandes povos podem sumir, os pequenos sobrevivem.

Cabisbaixo, espera o fim da aula, enquanto a velha espreme os pulsos.

— Menino? – O tempo? Ele não existe. Sabe por que?

E prosseguiu apontando para o céu.

— Ela é só uma presunção, um solenoide, uma torção colubrina, helicoidal. Sem se importar se era ouvida, insistia com o céu – e finalizou:

— Lembre-se deste desenho. E voltou-se para a xícara. Veja o fundo. Ali estavam pintadas, com tinta em relevo, duas fitas entrelaçadas, como hélices do DNA formando a letra "L". sobre uma figura feminina.

E para aumentar a ênfase para inculcar as palavras, repete vagorosamente:

— *Ouviste o oráculo, reparou no que te disse? O tempo é uma modesta causalidade, um distúrbio vestigial, apenas uma efeméride intrusa em nossos erros de cálculo.*

Agora a chuva já é constante e fina. Borges vai completar sua jornada londrina. Seu rosto não mostra a experiência do absurdo. Desloca-se encharcado de volta ao hotel. Está tremulo pelo jejum, a euforia está no fim.

A recepção do hotel está vazia.

— Pedro, que tal? Borges saúda o chefe da recepção, o angolano naturalizado inglês, Pedro Xismes.

— Boa tarde, Mr.



— E Hermes? Onde está? Borges quer seu papel de volta.

— Hermes... – parece constrangido e vai mentir – teve uma indisposição, Mr. Jorge.

Enquanto espera, o hiato de silêncio mostra-se infundo.

— Para ser sincero... demitiu-se. Assim que o senhor saiu. Pedro finge naturalidade e conclui, escondendo o lábio inferior sob os dedos.

— Como? A surpresa era coerente, Hermes parecia ser a criatura mais irritantemente estável que conhecera.

— Despediu-se de nós. Seus olhos brilhavam. Alguma loucura, senhor, alguma loucura, não se pode confiar nessa gente...

Borges espera por mais detalhes, mas Pedro não tem muito mais para informar.

— Só disse, prosseguiu Pedro diante do constrangimento, que voltaria para rever os filhos.

Finaliza enquanto se refugia no trivial. Retorna à flanela para lustrar o balcão de cedro.

Indeciso, Borges perambula até a entrada do hotel.

Abre a porta ganha a rua com o queixo pendente:

“Um conto mais”.

Fecha os olhos e sorri.

Percebeu, ali, no frio cortante, ainda vidrado nas cores elásticas daquele dia atemporal: nunca deixara o labirinto de Leonor.

Recebido em: 10/06/2018.

Aprovado em: 10/08/2018.